

**CALUNDU: CALO DUO?
ETIMOLOGIAS APRESSADAS OU PRECONCEITO**

Selmo Azevedo Apontes (UFAC)
selmo@ufac.br

1. Introdução

A percepção sobre a riqueza dos diferentes povos na contribuição da formação da língua ‘brasílica’ exige uma séria e respeitosa pesquisa, e divulgação da mesma e termos de presença nos livros didáticos e paradidáticos. Muito fácil é taxar lexias como ‘brasileirismos’. Contudo, isso não explica nada. Apenas demonstra a redoma de poeira embaçando a visão não só da palavra, mas também da característica projetiva de uma suposta homogeneização cultural indistinta, sem origem, frutos de saberes heterogêneos, que constituiu ‘a’ cultura brasileira²⁵. Dentro desse processo, aliado não à lexia, mas à importância na situação da esfera social que o ‘contribuinte’ portador e usuário daquela lexia, é que se deve a ‘catalogação’ das etimologias.

Sem representação dentro das oligarquias ou “sacarocria-cias²⁶”, também não se tinha o direito de arrogar ‘contribuir’ para a formação do novo habito linguístico brasileiro. No fundo, não era contato de línguas (ou línguas em contato), mas sim contatos sociais. Até hoje somos influenciados (e é difícil desapegar a termos acadêmicos interessantes, mas carregados de um preconceito disfarçado, ou no mínimo que faz passar ao largo do problema real) pelo biologismo linguístico. As línguas sem falantes, sem um povo, sem um território. Conseguimos abstrair toda a problemática concreta que gera o problema, e a reflexão sobre o problema, direcionando até pseudossoluções para este. Assim, a representação social dos povos na esfera econômica era espelho para ver sua ‘cultura’ expressa e visualizada na sociedade.

²⁵Aproveito-me das oportunas palavras de Galindo (2000, p. 113), ao refletir sobre *Furunando Kabuverdi*, porque não dizer “trata-se de um personagem entre outros, de uma presença parca, destinado certamente a apenas preencher mais uma possibilidade no mapa de caricaturas linguísticas e culturais que montava a peça.”

²⁶No dizer de Jesús Fuentes Guerra. *Léxico Palero: Retenciones Kikongo o multilingüismo bantu?*. In: ANGENOT, BELTRÁN & TEIXEIRA (2009). *Os iberoamericanismos de origem bantu e as línguas bantu*. Atas do Workshop Internacional sobre a procedência polítnica dos Afroiberamericanismos de Origem Bantu: Evidências Etimológicas e Históricas. São Carlos: Pedro & João Editores.

2. *Calundu ou calo duo?*

Sendo o léxico de uma língua o conjunto de vocábulos de um idioma (COUTO, 2007, p. 188), é por meio dele que a língua se expressa e manifesta o conhecimento partilhado na intercomunicação. Graças ao acesso ao referente lexical que fazemos parte de uma mesma comunidade linguística. Porém, o léxico não tem uma vivência isolada no conjunto de saberes partilhado por uma comunidade. Couto (p. 189) lembra Makkai na assertiva de que *“cada palavra [...] está em íntima relação com inúmeras outras palavras, cujas interconexões podem ser representadas como uma gigantesca rede. Esse tipo de rede não tem nenhum começo ou fim lógicos”*. Assim sendo, Makkai (1996:79, in Couto, 189) nos brinda dizendo que *“uma palavra é um ponto de ‘conexão’ ativado ou motivado em uma complexíssima rede de relações semânticas, gramático-morfológica e fonético-fonológicas”*. Dessa maneira, a rede de relações que a palavra evoca é complexa, não só do ponto de vista gramatical, mas também de seus ‘campos (ou relações) semântica, que tem ligação direta com as propriedades culturais’.

Segundo Sapir o léxico é o componente da língua que mais diretamente reflete a cultura da comunidade. Então, o léxico reporta a um grande elo de fios e emaranhados campos constituidores de saberes, para nominar não apenas a coisa, mas os fatos, os ritos, os momentos significativos representados por apenas um léxico. Como se fosse uma ‘porta de entrada’ às ações culturais.

Couto também nos lembra as oportunas palavras de Malinowski (1972): *“toda locução só se torna compreensível se interpretarmos pelo seu contexto de situação”*. Se o léxico faz parte de um conjunto de saberes culturais de uma determinada comunidade, nada mais justo que conhecer tal comunidade para poder ‘interpretar’ melhor o que o léxico representa (ou o que ele evoca, suscita...). Essa parte, conhecer a comunidade da qual provém o léxico, foi muito esquecida.

Corroboramos também com a ideia de Addam Makkai (1999, p. 71), quando afirma que *“a ideia básica de que a língua não é um conjunto de ‘objetos’ mas uma rede de relações é essencial para a gramática pragmático-ecológica”*. Sendo a língua uma rede de relações, ou uma *“ponte de duas mãos entre a cognição humana e uma variedade de código e desses códigos para a cognição humana”*. Assim, o próprio sistema, como estrutura que é, *“é o ponto onde se entrecruzam relações, ou seja, as diversas*

regras abstraídas dos atos de interação comunicativas, que podem constituir uma gramática”, (COUTO, p. 99).

O estudo do léxico nos dá pistas para entender a ‘coinização’, no qual um desaparecimento de traços dialetais muito marcados, em prol do que é relativamente geral no português brasileiro. Essa interpretação de Couto se encaixa muito bem na proposta que discutiremos aqui que é apropriação lexical e a supressão cultural. O léxico, nesse caso, se imbrica a uma territorialidade, a um campo semântico ou a uma relação proxêmica²⁷.

O léxico, como produção cultural, é resultado da relação do homem com seu espaço, tempo, numa rede de relações partilhadas. Se o conjunto de saberes, manifestados lexicalmente, de uma comunidade que está sendo revisitada para verificar a contribuição na constituição dos saberes, ou rede de relações que se firmou na gramaticalidade do brasileiro, nada mais justo que entender como o processo de exclusão da contribuição foi construído, anuviado, embaçado, suprimido; pois, querendo ou não, somos, ainda, um pouco influenciados por esta construção²⁸.

Bosi lembra uma história de um peregrino que chega à casa de um fazendeiro e, à noite, não consegue dormir devido a *batuques* e *calundus* que os negros faziam na senzala.

Respondi-lhe que fora procedida do estrondo dos atabaques, pandeiros, canzás, botijas e castanhetas; com tão horrendo alaridos, que se me representou a confusão do inferno. (Nuno Marques Pereira, *O Compêndio narrativo do Peregrino da América*, 1728, *apud* BOSI. A Dialética da Colonização, p. 60)

Bosi está citando o livro:

Compendio Narrativo do Peregrino da America em que se tratam varios discursos Espirituaes, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil. Dedicado à Virgem da Vitória, emperatriz do ceo, rainha do mundo, e Senhora da Piedade, Mãe de Deos.

²⁷ “É o estudo da percepção diferenciada que o homem tem do espaço e do tempo bem como do uso que faz dele” (SEBEOK, 1969, p. 83, *apud* COUTO, 2007, p. 103).

²⁸ Apenas para deixar claro este legado, vejamos o comentário de Philip Baker, explicando como se deu o processo de aprendizagem mal feita: “uma das ideias mais comuns em todas as tentativas de explicitação de como os crioulos foram formados é o fracasso. As pessoas tentavam aprender uma língua europeia e falhavam, ou então, tentavam manter sua língua tradicional e falhavam. De qualquer modo, as línguas crioulas eram resultado de um fracasso”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Foi publicado na “Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio”, na primeira edição, de 497 páginas. O sucesso desta fez com que se seguissem outras quatro, em 1731, 1752, 1760 e 1765, sendo que a segunda e a terceira obtiveram, além das licenças ordinárias, o acréscimo do “Privilégio Real”²⁹.

Voltando às reflexões de Bosi, antes de dar a sequência argumentativa da etimologia, o que vem primeiro é uma série de reflexões sobre a cultura ‘daqueles dos negros’. Representação que permeia em nosso tipo de ‘educação construída’ sobre a heterogeneidade cultural e o juízo de valor sobre ela: “*confusão do inferno*”. Associando as atividades ritualísticas à prática diabólica.



Frontispício da 1ª edição³⁰

²⁹ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nuno_Marques_Pereira - acesso dia 05 de Novembro.

³⁰ CASTELO, José Aderaldo. A Literatura Brasileira. V. 1. Origens e Unidades, p. 102. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 05-11-2010.

Depois, feitas as considerações que embasarão a provável etimologia (por que não dizer *etimologia transviada forçosamente*?!): “Agora entra o meu reparo (lhe disse eu). Pois, senhor, que cousa é Calundus?”...

As lexias têm um estranho poder de nos tirar o chão quando dela dependemos para entender um contexto maior. Os ouvidos ficam arranhados, a relação entre significante e significado(s) um relação no escuro; o tato só funciona depois de uma ‘topada’ em um ambiente em que não se conhece ‘os cômodos e a disposição dos elementos’.

a) A explicação do fazendeiro

São uns folgedos, ou adivinhações (me disse o morador) que dizem estes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando e acham juntos também usam deles cá, para saberem várias cousas perdidas; e também para terem ventura em suas caçadas e lavouras, e para outras coisas.

Oportuna é a explicação de Bosi, sobre a exposição cultural advinda da etimologia. Teremos então duas posições: uma que respeita a tradição cultural dos povos (*feita pela voz do fazendeiro – muito estranho, mas...*); e a outra pelo Peregrino da América, o foco de nossa discussão. Vejamos:

A explicação do fazendeiro, na verdade é uma boa lição de antropologia, colhe em termos simples as funções integradoras do rito que se transplantou da África e se manteve nas condições adversas do eito e da senzala. Mas o Peregrino não se convence nem se rende; ao contrário, condena a tolerância do hospedeiro a ponto de chamá-lo de excomungado, nome que estende aos escravos por crime contra o primeiro mandamento, pecado de idolatria e culto do diabo, exatamente como fizera, uma gestão atrás, o poeta Gregório de Matos em seu julgamento dos costumes afro-baianos:

*Que de quilombos que tenho com mestres superlativos,
Nos quais se ensina de noite
Os calundus e feitiços!*

.....
*O que sei é que em tais danças
Satanás anda metido,
E que só tal padre-mestre
Pode ensinar tais delírios.*

b) A explicação do Peregrino da América:

Nosso inquisitorial Peregrino das palavras passa à ação. Manda chamar o “Mestre dos Calundus”, provavelmente o babalaô, pergunta-lhe o que faz, e dá-lhe uma aula de estaparfúdia etimologia para provar o catáter demoníaco das suas artes:

Dizei-me, filho (que melhor fora chamar-vos pai da maldade), dizei-me que cousa é Calundus?” O qual com grande repugnância e vergonha me dis-

se: que era uso de suas terras, com que faziam suas festas, folguedos e adivinhações: “Não sabeis (lhe disse eu) esta palavra de Calundus o que quer dizer em português?” Disse-me o preto que não. “Pois eu vos quero explicar (lhe disse eu) pela etimologia do nome, que significa. Explicado em português, e latim, é o seguinte: que se calam os dois. Calo duo. Sabeis quem são estes dois que se calam? Sois vós, e o diabo, e calais vós o grande pecado que fazeis, pelo pacto que tendes feito com o diabo; e o estais ensinando aos mais fazendo-os pecar, para os levar ao Inferno quando morrerem, pelo que cá obraram junto convosco. (BOSL, p. 60)

Paolilo (2010), também sobre este episódio, comenta que:

Exemplificando a forma de Nuno Marques empregar o discurso alegórico, tomamos o capítulo XI, em que o Peregrino reclama a seu hospedeiro do barulho produzido pelos negros ao entoar seus calundús enquanto ele dormia. Diz que tais práticas são abomináveis aos olhos de Deus, ferindo o primeiro mandamento do Decálogo, e que deveriam ser proibidas pois o objetivo cristão do escravismo é a conversão das negros pagãos ao cristianismo. O dono da casa chama os negros para conversarem com o viajante que lhes explica, recorrendo à etimologia de calundú em português e latim, que os rituais africanos são diabólicos e quem os pratica está intimamente comprometido com o Diabo e apartado de Deus. O feitiçeiro-chefe é exorcizado, todos rezam e fazem penitências por seus pecados, inclusive o hospedeiro, pois permitia que seus escravos realizassem rituais de origem africana. Os instrumentos dos negros são queimados e todos ficam em paz.³¹

A paz do silêncio dos atabaques...

3. *Calundu – Calo Duo?*

Sendo o léxico a parte constitutiva da cultura e a manifestação das relações e redes de experiências, quando se quer a justificar a ‘origem etimológica’ de uma palavra vale todo e qualquer argumento. Primeiro “destrói-se” toda uma organização tipológica da língua, para inserir um pseudossignificado que interessa ao objetivo discriminatório de associar atividades ritualísticas diferentes a um peso simbólico religioso cristão.

Em seguida, não interessa a morfologia (ou morfofonologia, morfotática...³²) da língua da qual advém a lexia e seu universo cultural. O

³¹ Outro interessante material em que se pode verificar as assertivas e mais comentários sobre a época e o tema é Lima (2009).

³² Sapir (1979, p. 247-248) esclarece o termo: “Outro aspecto, cuidadosamente tratado por Bloomfield, na descrição linguística, foi o fenômeno do “sandhi”, que ele define como traços de modulação e modificação fonética nas construções sintáticas. No seu livro de 1933, adota o termo hindu: sabe-se como ele apreciava o método descritivo de Panini e demais gramáticos da Índia antiga. Em breve, porém passou a usar o termo “morfofonêmica”, que melhor se harmonizava com a sua terminologia

entendimento da morfologia não resolve, mas nos dá pistas interessantes sobre a busca da etimologia. Mas não a etimologia embasada no “renascimento classicizante” (GALINDO, 2000, p. 112).

Hyman (2003, *Sound Change*, p. 5) orienta para a averiguação do processo de afixação, pois esta não ocorre de forma simples. Obedem a um padrão diferente de estruturação mórfica, que ‘respeita’ diversos fatores: “*The regard the affixation process as extremely complex, involving syntactic, phonetic, semantic and processing factors*” and propose a *Fossilized Syntaxe hypothesis*”.

Talvez justamente por esse processo extremamente complexo das estruturações do lexico bantu, foi mais fácil esquecer toda a forma básica da língua... E hoje, com certeza, temos processos não só morfofonológico, mas também sintático “fossilizado”. E o léxico, antes um conjunto de especificações afixadas, agora somente um bloco monolítico.

Galindo, em seu Furunando Kabuverdi (p. 115), refletindo sobre os processos de acomodação nos diz que:

Se na fonética temos talvez material que pode chamar mais claro, a morfologia pode vir a fornecer dados sem dúvida mais preciosos, por se tratar, em essência, da grande área caracterizadora dos processos de criouliização, especialmente em crioulos de base lexificadora românica, visto se dar tal mudança usualmente na direção de uma simplificação, de uma redução da conhecida abundância morfológica dessas línguas de fonte...

Assim, do ponto de vista da perspectiva da ‘redução da conhecida abundância morfológica’, vejamos sumariamente a exposição da pseudo-etimologia dada pelo Peregrino da América:

gera e ficou logo o corrente na América do Norte: corresponde ao de “morfonologia”, do Círculo de Praga, e deve ter sido sugerido por este, sem incluir porém a supressão, por eufonia, da repetição da sílaba *-fo*, que se praticou no termo europeu. Quanto a “fonêmica”, que é na escola linguística norte-americana o nome consagrado para o estudo específico dos fonemas, trata-se de uma substantivação do adjetivo “fonêmico”, que Bloomfield derivou de “fonema” sem se preocupar com os princípios de derivação grega, aplicados em helenismos da mesma estrutura, como em “matemática”, “gramática” etc. O neologismo, que tem repugnado a certos “estudiosos europeus (Amado Alonso, por exemplo, preferiu “fonemática”), é bem expressivo da atitude emancipativa, e até despreocupada, da linguística norte-americana em face dos problemas de correção; nisto os linguistas americanos contrastam com os seus colegas europeus, que nunca abandonam inteiramente um tal ou qual purismo”.

CALUNDU – pretensa segmentação		
CA	LUN	DU
CA-	LO	DUO
CAL-	O	Duo
Rad.	1ª p.sg. pres. Indicativo Ativo	Numeral – 2

“Pois eu vos quero explicar (lhe disse eu) pela etimologia do nome, que significa. Explicado em português e latim, é o seguinte: que se calam os dois. *Calo duo*”. A partir da deturpação etimológica (que na verdade é apenas um dos argumentos para reprovar a cultura diferente), a palavra descontinuada de seu universo cultural, o qual dará o conteúdo semântico, entra num campo perigoso: parece que a única cultura que ‘faz sentido’ é a herdeira da cultura latina (ou a revisitação do classicismo greco-latino), portadora e doadora de significados infalíveis. A lexia é esvaçada no pelourinho da etimologia pseudo-latina, e retalhada à força pelos golpes chibatantes da falsa morfologia que vê o que não existe.³³

- c) Quando o *preto* diz que não é português, alguma coisa tem em mente para fazer tal assertiva. O *Mestre dos Calundus* não titubeia, nem ginga. Porém, só tem um tempo de fala: o tempo de responder. Segue-se, então, a justificativa dada acima. Por outro lado, o silêncio do *Mestre dos Calundus* é a resposta. O *furundum* dos tambores darão a resposta (e ainda estão dando... junto com as *milonga*).

Conhecemos bem a palavra *lundu* (“cê tá de lundu, muleque?”), porém a forma como aparece, e se atento à rede de relações mórficas das palavras³⁴, temos a representação:

CALUNDU	
CA ³⁵ -	LU-NDU
Pluralizador?	Rad.
Diminutivo?	

³³ Para uma ampliação dos efeitos da palavra *calundu* e os diversos ritos afros, na Bahia chegando a Minas, por volta de 1711, na personagem Luzia Pinta, ver Laura de Melo e Souza (2002). *Revisitando o calundu*. USP.

³⁴ Um bom trabalho para a percepção da estrutura mórfica pode ser vista em Hyman. *Segmental Phonology*. O qual trata da estrutura da sílaba em bantu.

³⁵ Será que os as palavras que seguem teriam morfema anexado às palavras: Ca-tombo (calombo)? Cacarote? cabaça?

São uns folguedos, ou adivinhações (me disse o morador) que dizem estes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando e acham juntos também usam deles cá, para saberem várias cousas perdidas; e também para terem ventura em suas caçadas e lavouras, e para outras coisas.

Porém, esse tipo de interpretação da cultura que advêm a partir das ‘entradas lexicais’ não foi a vitoriosa, em se tratando da herança analisadora dos fatos diferentes. Se nossa visão historicizada fosse desconstruída, entenderíamos melhor a razão de ser da diversidade, da heterogeneidade e seu benefício.

Como vimos em Paolino (que nos dá a continuação textual), parece que continua vitoriosa uma visão estereotipada, de um pensamento colonialista em plena modernidade:

Os rituais africanos são diabólicos e quem os pratica está intimamente comprometido com o Diabo e apartado de Deus. O feiteiro-chefe é exorcizado, todos rezam e fazem penitências por seus pecados, inclusive o hospedeiro, pois permitia que seus escravos realizassem rituais de origem africana. Os instrumentos dos negros são queimados e todos ficam em paz.

4. *Os dicionários*

Segundo o Houaiss, 2009, (termo aparecido entre 1671-1696). Angola, *Brasileirismo* 1 estado de ânimo caracterizado por mau humor e irritabilidade, e claramente manifestado pelo comportamento 2 *antigo* candomblé ou qualquer seita afro-brasileira contemporânea. *plural com sentido próprio – calundus – s.m.pl. Brasileirismo antigo.* 3 festas ou celebrações de origem ou caráter religioso, acompanhadas de canto, dança, batuque e que ger. Representavam um pedido ou consulta a divindades ou entidades sobrenaturais. (campo da gramática) *Etimologia* quibundu. *kalu’ndu* ‘ente sobrenatural que dirige os destinos humanos e, entrando no corpo de alguém, o torna triste, nostálgico’. *SIN/VAR* ver sinonímia de *irascibilidade*.

Segundo o Aurélio: Aurélio:

Calundu: [Do quibundu kilundu, ente sobrenatural que dirige os destinos humanos e, entrando no corpo de uma pessoa, a torna triste, nostálgica, mal-humorada]. S.m. Bras. V. Amuo (1): “o tédio, a amargura, os choros se morivos, os calundus, os chiliques” (Jorge Amado, Teresa Batista Cansada de Guerra, p. 156.)

Jean-Pierre Angenot e Geralda de Lima Vitor-Agenot apresentam um resumo das denominações que a palavra *calundu* recebeu pelos diversos pesquisadores³⁶. Subdividindo a palavras em duas acepções:

1) Calundu

calundu (1)	BH	Calundu amuo <i>Kim kiluⁿdu ancestral, alma de alguém que viveu em época remota, e que no caso da primeira acepção, entrando no corpo de uma pessoa, a torna irritadiça, mal-humorada, tristonha.</i>
	YP BR	calundu mau-humor, amuo <i>Kik kiluⁿdao que recebe o espírito</i> <i>Kim kialuⁿdu que recebe o espírito</i>
	RA	calundu (a) alma de outro mundo, duende, avantesma (b) lugar dos mortos, cemitério (c) capricho, dengo, quindins (d) frenesi, nervoso, zanga <i>Kim kaluⁿdu diminutivo de luⁿdu < kuluⁿdu estar de guarda ou resguardo a mulher de parto recente; nessa ocasião ela se crê possuída de um calundu, entregando-se a desvarios numa dança frenética em que salta, pula e corre.</i> [RJ]
	ME	calundu (a) mau humor (b) aborrecimento <i>Kim kaluⁿdu deus angolano</i>
	MA	Calundu aborrecimento, melancolia, “cabeça inchada” [MG]
	FP	calundu (a) tristeza (b) aborrecimento (c) resguardo de mulher parturiente [MG]
	FP	calundu mal humorado [MG]

³⁶ Glossário de Bantuísmos Brasileiros. CEPLA-UNIR- Guajará-Mirim/RO, disponível em www.campusguajara.unir.br – BH (Aurélio Buarque de Holanda), FP (Byron Torres de Freitas & Tancredo da Silva Pinto (1955)), BR (Visconde de Beaurepaire-Rohan -1956)), RA (Jacques Raimundo (1933)), ME (Renato Mendonça (1933/1973)), MA (Ayres de Mata Machado Filho (1944)), CA (Câmara Cascudo – 1964), NL (Nei Lopes (2003)), SC (John T. Schneider (1991)), YP (Yeda Pessoa de Castro (2001)). *Kim* (Kimbundu), *Kik* (Kikongo).

	CA	calundu (a) má humor (b) neurastenia (c) irritação (d) frenesi
	BR	calundu (a) tipo de “spleen” (b) neurastenia, tristeza NORTE, NORDESTE, SP] <i>Kim kalundu < lu^udu abrigo para mulher recentemente parida, no qual ela dança o xinguelê sob o efeito de uma possessão</i>
calundu (2): calundum lundu lundum landu mulundu	ME	lundu (a) dança dos negros africanos (b) música que acompanha esta dança
	RA	lundu, lundum (a) dança de pretos, espécie de batuque em que as dançarinas se meneiam com bastante desenvoltura. (b) denominação de uma certa cantiga já em desuso. mulundu topônimo: rio [ES]
	CA	calundu até meados do séc. XVIII era sinônimo de candomblé ou macumba
	NL	calundu (a) denominação dos antigos cultos afro-baianos (b) local onde se realizavam esses cultos
	SC	mulundu
	YP BR	calundu, lundu a mais antiga denominação de culto afro-baiano, registrado no século XVII lundu, mulundu dança de origem africana de par solto, acompanhada de canto, que teve seu esplendor no Brasil em fins do séc. XVIII e começo do séc. XIX. Daí em diante, canção solista, influenciada pelo lirismo da modinha e frequentemente de caráter cômico <i>Kik-Kim kalu^udu obedecer um mandamento, realizar um culto com música e dança</i>

Parece que palavra possui características em que os significados convergem sempre para as mesmas representação semântica ou quem sabe uma palavra polissêmica que, fora de seu contexto especificador, vai ganhando espaço para preencher experiências dizíveis nas entradas lexicais reduzidas e desritualizada. Por outro lado, as palavras de Cannecattim (p. 154), confirmam tanto os usos de *calundu* para ‘canto’ que acompanhavam os ritos e tanto quanto para os ‘ritos’; deixando claro o sentido ‘abominável’ a que o termo evoca. Vejamos:

Assim o indicão os seus costumes, e a uniformidade das suas ceremonias. O uso particular de cada familia em ter o seu *Quibúcco*, isto he, o seu Idolo; o supersticioso culto, que lhe tributão, e a cerimonia, que praticão de o pôr sobre o sepulchro do ultimo individuo, que morre daquella familia: tudo he igualmente observado pelas duas Nações, assim como tambem o culto, que tributão aos Deoses populares. As Leis por que se governão as duas Nações; o modo, que guardão na escolha, e eleição dos seus Maiores; a fórma dos seus Governos; as superstições, e juramentos gentilicos que usão; os ridiculos, e infames usos da Nigromancia, e os bailes que chamão *Lundús*, *Batúques*, e outros menos abominaveis; a cura que fazem aos seus Enfermos com a intervenção dos Adivinhadores, e Chinghiladores, ou Magicos; os funeraes, e enterros, conduzindo o Cadaver á sepultura com huma turba de gente, que vai dançando, e cantando diante d'elle, e os prantos a humas certas horas ao nascer, e pôr do Sol, ao meio dia, e de noite ao cantar do Gallo, ceremonial praticado em todo o tempo do nojo, o que chamão *Tám-bi*; a casa do uso, ou onde a Noiva he encerrada por alguns dias, tingindo-se de vermelho com a raiz de hum páo chamado *Tacúla*, a fim de ser fecunda, e as mais ceremonias que precedem, acompanhão, e seguem os casamentos, com outras festas gentilicas, apenas em alguma cousa se differença, sendo em tudo o mais as duas Nações conformes.

O que se percebe é que os dicionários, nesse caso, parece testemunha de um percurso semântico em que a lexia foi passando em cada período da história. Os registros dicionarizados caracterizam o ‘momento’ de uso das palavras. Alguns ainda trazem a situação de uso, facilitando a contextualização. Por outro lado, na sintetização de Angenot e Angenot de Lima percebe-se que os registros foram situados no norte de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. As grandes regiões das sacarocracias. Uma das coisas que ajuda na busca das lexias foi o registro historicizado que alguns autores fizeram. Porém, muita coisa está para ser feita; andar à “cata” dessa e de outras lexias na literatura colonial (como Galindo o fez com o Furunando Kabuverdi, em Gil Vicente), Imperial e Republicana. Pois não se tratam apenas de periodização, mas de um ‘espírito’ cultural que movia as observações acerca dos registros lexicais e as falas dos mesmos sujeitos discursivos, inventores, que fizeram uma engenharia linguística, no sentido da *ars*; e, não, um aprendizado de segunda categoria.

5. *Palavras finais*

O entendimento da estrutura morfológica (morfofática, morfofossin-tática) das palavras do grupo banto ajudará entender e clarear muitas le-

xias que adentraram no nosso linguajar brasileiro e que ficaram ‘perdidas’ ou escamoteadas ‘propositalmente’ (devido a um processo de ‘apagamento sistemático’ da contribuição da cultura afro desde o período do escravagismo vergonhoso).

Até hoje se encontram não só sob a alcunha de *brasileirismos*, mas também de *indigenismo* (ou tupinismo) várias lexias de origem do grupo bantu (claro que há outros grupos, famílias; mas nos detemos apenas neste). O que nos chama a atenção é o fato de ser o resultado de um ‘desconhecimento’ da cultura dos povos africanos, ou se somos ainda gestados academicamente com a herança da supressão da contribuição do *negro* para além do *samba*, para além da *bunda*; e a invisibilização e da rarefação da diversidade cultural. Um processo de homogeneização *lusotupi* (BOSI, 1992, p. 27) era o único processo legal reconhecido como indentitário fundante da cultura brasileira.

Assim, o processo de *assenhoramento* colonial tentou apropriar-se também das unidades léxicas e suas referências aos campos semânticos específicos. Assim, de festa, reunião, advinhação, batuques, furunduns, passou a ser simplismente, *lundu* – cara amarrada, disinxavida*, mocronga*, triste como um possuído por uma entidade triste, que não ouve mais o som dos tambores, e nem recebe mais o espírito dos ancestrais para animar na caminhada...

O *lundu* tem que recuperar seu sentido de *festa, folgado afro*, para desconstruir a tendenciosa etimologia portuguesa e latina, ao som dos tambores, fazendo uma *milonga* saudando as oferendas ritualizadas em calundu, um pequeno ‘*pratinho*’ de barro, *evocando a magia do rito que fundamenta o canto*. Talvez assim vamos ajudando a desconstruir uma caricatura linguística da importância bantu na constituição do vernacular brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ANGENOT, Jean-Pierre; BELTRAN, Luis; TEIXEIRA, Marco Antônio. *Os iberoamericanismos de origem bantu e as línguas bantu. Atlas do Workshop Internacional sobre procedência poliétnica dos afroiberoamericanos de origem bantu: evidências etimológicas e históricas*. São Paulo: Pedro & João, 2009.

APONTES, Selmo Azevedo. *Relatório do curso Tonologia comparativa das línguas Bantu*, ministrado pelo Prof. Dr. Jacky Maniacky (MRAC)

de 13 de julho a 1 de agosto de 2009, no Campus da UNIR em Guajará-Mirim. (Digitado)

APONTES, Selmo Azevedo. Acomodação de palavras bantu em português: algumas consequências morfofonológica. *Revista Philologus*, Ano 16, nº 46. Rio de Janeiro CiFEFIL, jan./abr.2010. Supl.

BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

CANNECATTIM, Bernardo Mari de. *Collecção de observações gramaticaes sobre a língua bunda, ou angolense, compostas por Fr. Bernardo Maria Canne cattim, capuchinho italiano da provincia de Palermo, missionario apostólico, ex-prefeito das missões de Angola, e Congo, e superior actual do Hospício dos Missionários Capuchinhos Italianos em Lisboa*. Lisboa, na Impressão Regia, 1805.

COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesurus, 2007.

GALINDO, C.W. Furunando Kabuverdi. *Fragmenta*. Curitiba, n. 17, p. 109-121, 2000.

JOHNSTON, Harry H. *A Comparative Grammar of the South-African Bantu Language*. London, 1919.

KEMPF. *Os brasileirismos de “origem desconhecida” e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de “nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim”*, 2009.

KEMPF & MARQUES DA SILVA. Os critérios e a metodologia da sociolinguística no levantamento e na análise da contribuição das línguas africanas às variedades do português vernáculo brasileiro. (A ser publicado no GEPIAA), 2009.

LIMA, Nayara Franciele Lima. *Peregrino da América e André Peralta: dois personagens itinerantes do sec. XVIII*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Uberlândia. 2009. Disponível em: <http://www.btdt.ufu.br/tde_arquivos/22/TDE-2010-05-19T164859Z-1985/Publico/nayara.pdf>. Acesso em: 05-11-2010.

MELO E SOUSA, Laura. *Revisitando o calundu*. USP, 2002. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dh/pos/hs/images/stories/docentes/LauraSouza/CALUNDU.pdf>>. Acesso em: 03.08.2010

Suplemento da *Revista Philologus*, Ano 17, Nº 49, 2011

MUTOMBO, Daniel. *Propuesta de una lingüística africana globalizante y libertadora*. 1. ed. Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007.

PAOLILLO, Rodney José. *A visão alegórica: Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira. Disponível em: <<http://members.fortunecity.com/prgalvao/Avisaoalegorica.html>>. Acesso em: 05 de novembro de 2010.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica. 1979.